

Morte e Loucura: medição e interrupção no Tempo

Prefácio | Forward

David Soares

Escritor e Historiador

DOI: 10.51427/com.est.2024.03.02.0001



© 2024 Autor(es) | The Author(s).

[Creative Commons Attribution 4.0 International License \(CC-BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Morte e Loucura: medição e interrupção no Tempo¹

Observáveis em manuscritos produzidos no último quartel do século XV e em almanaques impressos na primeira metade do século XVI, algumas iluminuras e gravuras do Homem Zodiacal (configuração iatro-astrológica que patenteia a ascendência dos planetas em determinados membros e órgãos), representam-no em forma de cadáver dissecado, tisonado com os gradientes da putrefacção, ou como esqueleto ou *écorché* enegrecido. Parecem ser inovações artísticas desenvolvidas nesses períodos — assim como a circunstância de, conjuntamente às alegorias dos astros e das estações do ano que circundam essa figura humana, se encontrar um bobo da corte, vestido com traje tipificado, com capuz de orelhas de burro.²

Importante para a nossa análise, a co-existência, na mesma composição, de um corpo morto — caliginoso ou ossificado — e de um bobo — variegado, irisante —, assinalará a metamorfose mental que transformava, no *dealbar* da Modernidade, a atitude dos indivíduos em relação à morte: um século depois da epidemia de Peste Negra, que eliminou um quarto da população europeia, as representações da loucura iam-se sobrepondo às da morte. Porquê? No meu entendimento, porque se iam tornando mais importantes e mais horripilantes — até os animais morrem, mas só o homem enlouquece.

Colocado entre as pernas do cadáver ou do esqueleto zodiacal, o bobo, munido de marota, reprodução miniaturizada de si mesmo, evoca-me a imagem de um pessário aí introduzido para estancar o fluxo inexorável do tempo; empreendimento que se consubstanciará como loucura. Com efeito, a

¹ O autor escreve segundo o Acordo Ortográfico de 1945.

² Ver figs. 1 e 2.

justaposição de um bobo e de um cadáver, evidencia que Loucura e Morte são antropomorfizáveis, enquanto o Tempo é, somente, objectificável em artefactos mecânicos: o gnómon, a clepsidra, a ampulheta, o relógio. Isto ocorre, concebo-o, porque o tempo, embora mensurável, não tem proporções: é, por inteiro, cronogogo, amímico, proteico, enigmático.

O tempo da montanha é diferente do do vale, porque a gravidade, fraca nas alturas, deslustra-se-lhe, deixando-o passar mais depressa: assim, o pastor do cume envelhece e morre mais cedo do que o camponês do sopé.³ Este carácter amorfo, dúctil, digamos assim, da temporalidade, permite todas as metáforas de movimento: o tempo passa, escoar, corre, voa — é, de facto, omnipresente e onipotente. A morte invoca, também, essas qualidades, mas associadas às virtudes da paciência e da vigilância, pertencentes às dimensões do silêncio e da imobilidade. Assim, é útil considerar o paradoxo de que o tempo, embora somente estilizável pelo mecânico, como apontei, é, por oposição à morte, interpretado como se fosse orgânico. Com efeito, para alguns autores de mundividências tão diferentes, como Fílon de Alexandria ou Santo Agostinho, que escreveram nos primeiros séculos da Cristandade — evento que assinala a invenção do tempo Linear ou Histórico —, o tempo faz parte da Criação, não existia antes do mundo: daí, a ideia defendida pela Física contemporânea, de que a morte do universo será a morte do tempo, não passa de agostinismo adaptado ao corrente vocabulário científico; logo, o tempo continua a ser, para patrísticos e positivistas, uma criatura — talvez um pouco estranha, mas, ainda assim, pertencente ao bestiário.

Ora, a morte, embora antropomorfizável, profundamente figurativa e simbólica, raras vezes é, penso eu, concebível como sendo orgânica. Contudo, a

³ Sobre o fenómeno da desaceleração da passagem do tempo em locais de cota mais baixa, ver, por exemplo, Rovelli, Carlo. 2018. *The Order of Time*, tradução de Erica Segre e Simon Carnell, 9-10. Londres: Allen Lane/Penguin Books.

partir de uma morte pode ler-se o movimento de uma vida: a morte é cinesiológica. É, creio, uma maneira de medir o tempo; pelo menos, desde a Era Arqueozóica, quando, há quatro mil milhões de anos, surgiu a vida. Todos os organismos são, metaforicamente, mas também funcionalmente, relógios; regulados segundo diferentes ciclos, como se cada forma de vida, adaptada a um nicho específico, fosse um instrumento de medição da passagem do tempo, em cada ponto do planeta.

Decorre daqui que o tempo não só não é uma ilusão, como é uma dimensão auscultada pela decrepitude e extinção da vida — de várias vidas, aliás, sequenciais e sobrepostas, como acetatos dispostos na lâmpada de um projector: peça-se para retirá-los, um a um, e olhe-se para a tela, subsequentemente mais vazia — tal como o universo nos apareceria, caso fosse possível inverter o tempo. Nessa espectacular analepse, veríamos o desaparecimento das primeiras galáxias e a morte das primeiras estrelas; depois, uma grande sombra invadiria o nosso campo de visão: uma catarática opacidade, mais espessa e escura que o cosmos conhecido, um ambiente que até as actuais partículas sub-atómicas considerariam hostil. Dissolver-se-ia a própria radiação e tudo seria aniquilado, incluindo o próprio tempo.

Daí que, num certo feitio, todas as técnicas desenvolvidas para conservar o cadáver e travar a sua decomposição poderão ser entendidas como tentativas de interromper o fluxo do tempo; pessários, qual bobo no cadáver zodiacal, como interpretei — e não será arbitrária a circunstância de práticas sofisticadas de conservação de corpos mortos, como o embalsamamento, terem sido aperfeiçoadas até ao pináculo da minúcia por sociedades cristalizadas, precisamente, em torno da ideia de que era conceptível paralisar o tempo; ou, pelo menos, torná-lo tão repetitivo e previsível quanto possível.

Em cronologias mais antigas que a nossa, o conceito contemporâneo de

decadência — da decrepitude e morte de uma era, de um período histórico ou de uma civilização — não existia, manifestando-se, antes, concepções muito desiguais de ruína e renovação: em suma, restauros, mais ou menos automáticos, mais ou menos previsíveis, de fixas condições iniciais, já desgastadas ou deterioradas. A ideia contemporânea de decadência enraizar-se-á, ao que parece, concomitantemente, à ideia de progresso, outra concepção alienígena no mapa mental da Antiguidade e até dos inícios da Época Moderna. Para os Antigos, ruína e renovação eram a sístole e a diástole de um órgão produtor de Presente. A difusão de um tempo retilinear, de um tempo histórico, gerador de novidade e de individualidade, não somente de cíclicas reproduções de condições iniciais, é, por conseguinte, um tempo da morte: penso que é o tempo histórico que transforma o Homem em criatura mortal; ou seja, irrepetível e singular.

Assim, afigura-se-me o seguinte: a catábase do Paraíso, da esfera do Celeste em direcção à Terra, incitada pela ideia cada vez mais popular de que aquele se poderia construir neste mundo — até de modo mais perfeito do que alguma vez se encontraria após a morte física — terá contribuído, determinantemente, para laicizar e marginalizar a morte.

Aliás, para a construção da utopia — como a paradisíaca ou outra, seja ela qual for —, sempre totalitária por natureza, urge resolver, em primeiro lugar, a questão das mortes sociais; ou — se se quiser aplicar a designação formulada, curiosamente, no tempo do Antigo Regime, em meados do século XVIII — da “morte civil”: ou seja, os casos de indivíduos que, perdendo personalidade jurídica, passavam a ser vistos como pertencentes à “classe dos mortos”.⁴ Proscritos

⁴ Cocatre, Philippe. “Mort civile.” In *Dictionnaire de l’Ancien Régime. Royaume de France, XVI^e-XVIII^e siècle*, 3^a ed., dir. de Lucien Bély, 859. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France; Simonin, Anne. 2008. *Le déshonneur dans la République. Une histoire de l’indignité, 1791-1958*, 321. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle.

por culpa das suas imperfeições, face ao figurino moral, mas também físico, protocolado pela construção de um qualquer Paraíso na Terra, tornavam-se verdadeiros mortos ambulantes, até ao momento da sua finitude física. Vemo-los em diversos períodos históricos, estes mortos-vivos, errantes nas margens de um paraíso terreno a haver, mas em bandos numerosos quanto mais próximos da contemporaneidade: banidos, em simultâneo, do Aquém e do Além-Túmulo — rejeitados pelo primeiro, não acreditam no segundo.

Vamos reflectir sobre este problema, como o formulei, pois ele é a origem de algumas das nossas angústias actuais. Dou um mote para essa reflexão, sublinhando o facto de esses dois elementos de composição nos transmitirem uma semântica de transposição, de passagem de um estado a outro. Em quase todas as sociedades, a entrada na vida adulta é marcada pela passagem de um determinado ritual de iniciação — desde os que impactam verdadeiramente o corpo, até aos que são apenas simbólicos. Mas é significativo que o corpo seja, de facto, o objecto desses ritos de passagem que enfatizam o crescimento, as mudanças morfológicas das primícias da infância para a idade da adolescência, ou seja, a maturidade física, mas também, segundo Arnold Van Gennep, a «maturidade social»;⁵ note-se, porém, que o declínio para o estado da senectude, da caquexia, não angaria a mesma atenção institucional, nem sequer uma igual solenidade. Somente as exéquias, das mais humildes às grandiosas, parecem constituir-se numa espécie de ritual de iniciação para um estado além-tumular, seja ele qual for, consoante o contexto: no funeral, a comunidade transmite ao cadáver — velho ou novo — aquilo que pensa ser a senha secreta para a entrada no mundo dos mortos, para que ele entre harmoniosamente nessa confraria —

⁵ Também «puberdade social», cf. Gennep, Arnold Van. 2004. *The Rites of Passage*, 65, 68. Londres/Nova Iorque: Routledge.

nessa «sociedade invisível dos antepassados», segundo a expressão de Robert Hertz.⁶

O caixão é, pois, como uma pia baptismal na qual o cadáver-neófito é, em simultâneo, ungido e digerido: evoco estas imagens pela importância que a mucosa tem no imaginário medieval e moderno — a boca como entrada do Inferno, como ante-câmara da decomposição e liquefacção de corpos e almas. Uma das minhas análises⁷ é, precisamente, a de uma correlação entre o riso rasgado, dentado, dos bobos da Modernidade e essa concepção aniquiladora da infernal boca dentada.⁸ Morte, loucura, transmutação traumática da matéria física e espiritual — porosidades que a representação inicial do cadáver zodiacal e do bobo nos lembram, continuamente.

Porém, o cadáver pode ser recrutado, ele próprio, como dispositivo iniciático: manuseá-lo, necropsiá-lo, decompô-lo, macerá-lo, tornou-se um ritual de iniciação da medicina contemporânea;⁹ cerimonial de substituição da natural abjecção sentida pela potência contaminante do cadáver, pelo domínio do arcano da fisiologia, comunicado de modo incremental pelos iniciados aos adeptos — «tacteiem e acreditem», era o desafio de Andreas Vesalius aos físicos do seu tempo,¹⁰ três séculos antes de Rudolf Virchow ter inventado o protocolo metodológico contemporâneo para a realização de autópsias, extirpando e

⁶ Hertz, Robert. 1907. "Contribution à une étude sur la représentation collective de la mort." Em *L'Année sociologique*, vol. X, dir. de Émile Durkheim, 137. Paris: Félix Alcan Editeur.

⁷ Soares, David. 2024. *O Bobo e o Alquimista: Deformidade Física e Moral na Corte de D. João III*, 168-169. Santo André de Vagos: Verbi Gratia.

⁸ *Ibid.*, 189-195.

⁹ Hart, Lianna e Stefan Timmermans. 2012. "Death signals life. A semiotics of the corpse." Em *Routledge Handbook of Body Studies*, edição de Byrna S. Turner, 233. Abingdon/Nova Iorque: Routledge.

¹⁰ Messbarger, Rebecca. 2019. "Prologue: modelling the modern body." Em *Visualizing the Body in Art, Anatomy, and Medicine since 1800*, edição de Andrew Graciano, xxii. Abingdon/Nova Iorque: Routledge.

examinando todos os órgãos, um a um, como engrenagens de um relógio parado. No fundo, autópsia é relojoaria: ela tenta descobrir a falha de funcionamento de um único instrumento de medição da passagem do tempo, que é o indivíduo falecido, o cadáver, o relógio parado — tarefa relativamente fácil. Dificílimo é descobrir de que forma morrerá o tempo.

Desde o início da Época Moderna, alguns humanistas e filósofos, coevos dos cadáveres zodiacais e dos bobos, deram por si a reflectir sobre o tempo e a morte, imersos na ideia de que o mundo era velhíssimo; demasiado velho, até, para que a Parúsia chegasse. Com efeito, a ideia tinha precedentes: o poeta romano Lucrécio já se queixara da grande antiguidade do mundo, quando, em *A Natureza das Coisas* (c. 50 a. C.), enfatizou que a Terra «cansada» era, agora, incapaz de produzir até «criaturas mirradas», ao contrário das «bestas monstruosas»¹¹ que concebera no Passado — reportando-se, provavelmente, a observações de fósseis pré-históricos. Presentemente, sabemos que o mundo é mais antigo do que aquilo que algum autor romano ou renascentista ousou pensar — e sabemos que será, efectivamente, consumido, daqui a cinco mil milhões de anos, não pela segunda vinda de Cristo, mas pela morte do Sol. Apesar de tudo, em ambas as mentalidades, a Moderna e a Contemporânea, encontra-se a mesma obsessão escatológica de querer prever com precisão a data em que o tempo morrerá — agora através da escatologia tecnológica da Singularidade, aparente substituta do Milénio dos quiliastas; entre outras disciplinas que, sob as suas liturgias digitais, revelam ideias milenaristas medievalizantes e modernas.

O Paraíso já não era extraterreno, mas deixou de ser terrestre para se

¹¹ Lucrécio. 2015. *The Nature of Things*, trad. e notas de A. E. Stallings e introd. de Richard Jenkyns, 111. n.p.: Penguin Books.

alcandorar às cintilantes sinapses dos servidores. Esse joaquimismo virtual parece exigir que se abandone quaisquer pretensões ao simbólico — marcador, por excelência, do pluriforme e do multidimensional —, que é, creio, um dos problemas actuais: a aparente incapacidade de compreender que todos os objectos comportam uma dimensão metafórica. Achatada por leituras uniformes, a realidade rebate-se numa linha unidimensional, reduzida apenas ao movimento horizontal da passagem do tempo. Nessa perspectiva de um único ponto de fuga, a morte é, apenas, tautológica: morre-se, porque se morre — que loucura estar de luto por um instrumento que deixou de funcionar, quando basta substituir por um novo.

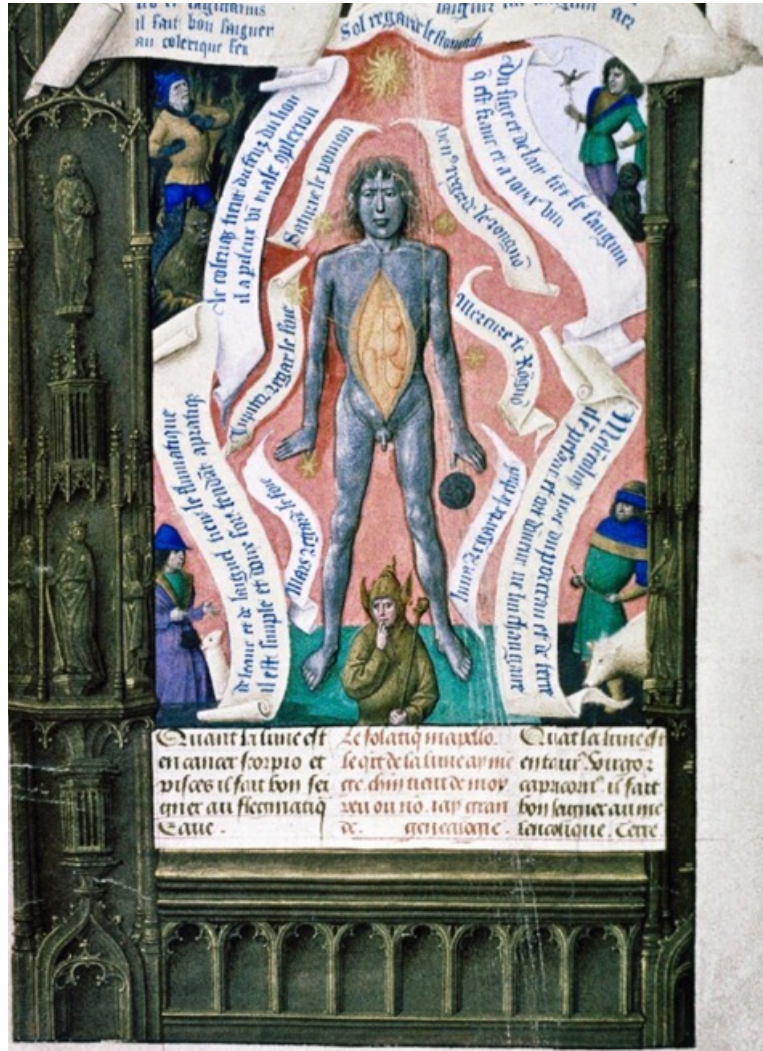


Fig. 1 — Homem Zodiacal (cadáver) com bobo. Iluminura erudita num livro de horas.

Book of Hours. Use of Rome, MS. Douce 311, Flandres, c. 1488, f. 1. Bodleian Library, Oxford. Fonte: <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/cb4ea361-61b6-40f2-a7e3-33b97463454b/>. Acedido a 3 de dezembro de 2024.



Fig. 2 — Homem Zodiacal (esqueleto) com bobo. Gravura popular num almanaque astrológico.

Le grand Calendrier et compost des bergers, Paris, Nicolas Bonfons, séc. XVIII, p. 114. Bibliothèque nationale de France, Paris. Fonte: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k87094771/f114.item.r=Le%20grand%20calendrier%20et%20compost%20des%20bergers>. Acedido a 3 de dezembro de 2024.